

A GRAÇA DIVINA

26-09-1979

Por Swami Paratparananda¹

Poucas são as pessoas que tentam levar uma vida verdadeiramente espiritual, pois, como já vimos em ocasiões anteriores, esta não consiste em aceitar ou crer em alguns dogmas e credos, nem em fazer determinados exercícios físicos, nem em buscar e fazer milagres, nem tampouco no mero saber livresco das escrituras. Significa dedicação a Deus, seguir um caminho que culmine na aniquilação da ignorância e na realização do Ser Supremo, na percepção direta e íntima da Realidade. Isto não é uma tarefa fácil, se necessita infinita paciência, constância na prática da oração, domínio sobre os sentidos e sobre a mente e finalmente a graça divina. Ainda que mencionamos esta ao final, nem por isso é de menor importância; pelo contrário, todos os outros fatores dependem dela. Sem a graça divina não se pode avançar nem um passo na vida espiritual.

Pode-se perguntar: Por acaso a graça divina não age no mundo? Afastou-se Deus do mundo? Se esta é Sua criação, como pode abandoná-la? Além disto, não dizem as escrituras que Deus mora em todos os seres, e que é onipresente? Então que significa dizer que só na vida espiritual age a graça divina? Por certo estas são perguntas sem respostas, ou melhor dito, não se pode responder de outra maneira senão admitindo que Deus nunca se afastou do mundo e que o cuida bem, que sua graça desce por igual sobre o malvado e piedoso, assim como o sol brilha sobre todo o universo sem fazer nenhuma distinção, ou como a chuva cai indistintamente sobre a terra fértil e a estéril, e isto em um sentido, é muito mais certo.

Estamos conscientes deste fato, mas há distintas maneiras de beneficiar-se com a graça divina. Alguns o fazem no mundo material, aproximando-se de Deus para conseguir coisas materiais. Quando Deus lhes responde a seus pedidos, por exemplo, de cura de enfermidades, pensam que lograram um alto nível de elevação espiritual, e assim envaidecidos, perdem de vista a meta da vida.

Deus é como uma mãe indulgente que nos perdoa tudo. Além

¹ Swami Paratparananda foi o dirigente espiritual do Movimento Ramakrishna na Argentina e no Brasil de 1973 a 1988.

disso, cumpre nossos pedidos por mais daninhos que sejam para nós, para que não nos sintamos enganados ou abandonados. Deixa que aprendamos, pelas amargas experiências de nossas ações, como são o mundo e seus objetos. Bendito é aquele que vê a graça divina em seus sofrimentos e tenta ver em que consiste a verdadeira felicidade, e depois se esforça para consegui-la. Mas, desgraçadamente, as pessoas sempre buscam coisas prazerosas mesmo depois de repetidos fracassos em suas tentativas para obtê-las. E espera que o mundo mude e lhes proporcione algum dia e para sempre os objetos desejados e sem nenhuma amarga consequência. Essa gente é como os camelos que gostam de certos arbustos espinhosos, e enquanto os comem suas bocas sangram, mas ainda assim não deixam de comê-los. Essas pessoas continuarão pedindo a Deus os mesmos objetos sensórios; são como aqueles que foram ver a um rei generoso e lhe pediram coisas de pouco valor como abóboras ou batatas. Por certo, pensam que são objetos preciosos, porque são pessoas de visão curta, desejam só o que podem perceber por seus sentidos, sem indagar por seu valor nem nas consequências que isto pode trazer.

Também se pergunta: “Por quê Deus não nos tira o apego pelos objetos do mundo?” As crianças gostam de brincar no quintal, com diferentes tipos de brinquedos, e eles não gostam que sua mãe os tire de lá enquanto eles se sentem entretidos. Vão chorar e gritar se isto acontece. Só quando se fartam ou se machucam, deixam de brincar e chamam a mãe; do mesmo modo Deus sabe que se de repente tira dos aspirantes o apego aos seus entretenimentos, estes se sentirão infelizes. Ensina-lhes pouco a pouco a vacuidade de tudo que os sentidos podem apreciar. Esta também é a graça divina: fazer-nos saber que o mundo com toda sua beleza panorâmica é uma ilusão. Sri Ramakrishna costumava dizer: “Só Deus é real, e toda outra coisa é irreal; só o mago é real e sua magia irreal, existe por um momento e depois desaparece”. Mas, tal é nosso apego ao efêmero, que seguimos agarrados a ele ainda que nos doa. Na juventude, quando o sangue ferve, tudo parece formoso, cheio de alegria e encanto. Mas à medida que vão passando os dias, esse mesmo mundo muda seu aspecto e então o homem não somente vê a alegria como também o pesar e o sofrimento. Mais tarde vê que há muita tristeza e pouco prazer neste mesmo mundo que lhe havia parecido tão formoso antes. No entanto, os hábitos que cultivou e os deveres com que se comprometeu toda a vida não o deixam sair do casulo que ele mesmo construiu. Entre milhares talvez um se atreva a sair de lá pela graça divina. Outros, sem poder desfazer-se do apego e do encanto do mundo arrastam os dias que lhes

sobram de um ou outro modo, muitas vezes jogando a culpa de sua desgraça no destino ou em Deus. Herói é aquele que mesmo neste momento pode ver que isto também é a graça divina, mas haverá muito poucos que possam sentir assim, pois sentindo esta condição, tentariam remediar as coisas ou pelo menos resolveriam mudar o rumo de suas vidas no mesmo momento, ou desejariam com todas suas forças não repetir os mesmos erros que fizeram durante esta vida. Só a pessoa que vê em tudo, não somente no agradável, a manifestação da graça divina, pode dizer que ela reina sempre no mundo.

Agora vamos ver porque postulamos que os outros fatores que nos levam até Deus também dependem de Sua graça. Como vimos, a rede da ilusão é vasta, e intrincada a maneira em que atua. Por isso Sri Krishna disse: “Esta Minha divina maia, constituída pelos gunas é difícil de transcender; só os que se refugiam em Mim (o Senhor) podem atravessá-la.” Todos os seres sem exceção estão sujeitos à ilusão, pois tudo no mundo está feito dos três gunas, os constituintes de maia. A força dos gunas é considerável; transcendê-los é uma tarefa sumamente difícil, e pode conseguir-se unicamente pela graça de Deus. Para transcender a ilusão ou o feitiço que projeta o mundo, se necessita de desapego, o qual se chega a ter se houver discernimento entre o que é Real, eterno e o que é irreal, transitório e estritamente aderir-se ao Real ou Deus, descartando todo desejo de gozo mundano. Em seguida é necessário praticar o domínio sobre os sentidos e a mente. Sabemos quão vacilante é esta. Se não temos a convicção de que o mundo e seus objetos são de pouca duração, a mente continuará sua corrida atrás das coisas de seu gosto e nos envolverá na ilusão toda nossa vida. Portanto esta convicção deve ser apoiada por um forte desapego às coisas que dão prazer. Depois vem a prática das virtudes como a paciência, a fé nas palavras das escrituras e coisas semelhantes. Tudo o qual está sob a jurisdição de maia, a ilusão, para vencer a qual necessitamos, como já vimos, da graça divina.

Às vezes até os aspirantes se queixam de que Deus é parcial, que a alguns dá a oportunidade e lhes abre o caminho, enquanto a outros não mostra Sua graça. Sri Krishna responde a isto no Bhagavad Guita: “Eu trato por igual a todos os seres, não tenho preferências, nem desprezo a ninguém; mas os que adoram a Mim (ao Senhor) estão em Mim e Eu neles”. Sri Shankaracharia comentando este verso disse: “O Senhor afirma que Ele é como o fogo: assim como o fogo não tira o frio dos que estão longe, mas o faz aos que se aproximam dele, do mesmo modo Deus mostra Sua graça a Seus devotos e não a outros. Os que adoram ao

Senhor, por causa desta mesma adoração se tornam limpos de coração, um lugar apto para sua morada". Também, assim como a luz do sol, ainda que caia sobre todos os objetos, é refletida nitidamente em um espelho limpo, do mesmo modo, a mente pura do devoto reflete a luz de Deus mais que a das outras pessoas. Além disso, Ele olha o fundo do coração do aspirante. Uma pessoa que levou uma vida má durante um longo tempo, mas depois a transforma, não está perdida a seus olhos; também esta pessoa pode chegar a ser santa, como afirma Sri Krishna no verso seguinte: "Até se um malvado da pior categoria Me adora com sua mente por completo dedicada a Mim deve ser considerada boa pessoa, pois tomou uma determinação correta. Logo se tornará puro e logrará a paz eterna. Ó filho de Kunti, proclama ao mundo que Meu devoto jamais perece!" Vemos assim que para Deus ninguém é desprezível nem condenável pela eternidade.

Como atua a graça divina no campo espiritual? Sri Ramakrishna certa vez disse: "Se alguém se refugia em Deus e Lhe roga com grande anelo, Deus com toda segurança escuta; com certeza Lhe abrirá o caminho. Talvez o devoto não se case e assim poderá dedicar toda sua atenção a Deus. Ou talvez seus irmãos ganhem o suficiente para a subsistência da família, ou pode ser que um filho tome sobre si a responsabilidade da família. Então o aspirante não terá problemas com o mundo; poderá dar cem por cento de sua mente a Deus". Também costumava contar uma estória para ilustrar como tinha que rogar a Deus e com que classe de anelo: "Certas pessoas me perguntam - dizia Sri Ramakrishna - Senhor, por quê Deus criou este mundo em que quase tudo é sofrimento? Não há saída para nós? Eu lhes digo: Por que não há de haver uma saída? Tome refúgio em Deus e rogue-Lhe com um coração anelante pedindo vento favorável para que as coisas se arrumem. Se O chamais com anelo certamente vos escutará." Depois contou a estória: "Havia uma vez um homem, cujo filho estava a ponto de morrer. Em seu desespero pediu remédios a várias pessoas. Uma delas Lhe disse: 'Há um remédio; primeiro deve chover quando a estrela Svati esteja no ascendente; depois, um pouco dessa chuva deve cair em uma caveira; em seguida uma rã deve aproximar-se e beber esta água e uma serpente deve caçá-la; e quando a serpente esteja a ponto de picar a rã, esta deve dar um salto e o veneno deve cair na caveira. Em seguida, é preciso dar ao enfermo um pouco do veneno com a água da chuva que está na caveira.' O pai se apressou ansiosamente para encontrar a fórmula salvadora, no instante em que a estrela Svati estava no céu. Começou a chover. Fervorosamente

o homem rogou a Deus: 'Ó Senhor, Te rogo, consegue-me uma caveira.' Buscando aqui e ali, finalmente encontrou uma caveira com água de chuva dentro. Novamente rogou a Deus: 'Ó Senhor, Te imploro, ajuda-me a encontrar a rã e a serpente.' Devido a seu grande anelo, conseguiu a rã e também a serpente. Em um abrir e fechar de olhos viu como a serpente caçava a rã, e quando se dispunha a picá-la, o veneno caiu na caveira". Se o rogo é fervoroso Deus não pode deixar de escutá-lo.

As pessoas sempre se queixam dizendo que não tempo para rezar ou fazer suas práticas diárias. O que acontece é que não sentem a necessidade de fazê-las. Se um homem tem que sair às quatro horas da madrugada para trabalhar, o faz sem titubear, porque a necessidade de ganhar a vida o impele, o obriga a fazê-lo. Quando sintamos a mesma urgência para chegar a Deus, então, só então, não teremos queixa alguma, faremos tudo com gosto. Até então é necessário obrigar a mente a fazer as disciplinas espirituais diárias e, com um pouco de insistência podemos persuadi-la. O fato é que o mundo ocupou demasiado a nossa mente, e pode ser retirado de lá unicamente pela graça divina. Mas é preciso fazer um pouco de esforço para que essa graça desça sobre nós. Sri Ramakrishna dizia: "O vento da graça divina sopra sempre, é preciso soltar as velas para recebê-lo". Um pouco de prática das disciplinas espirituais é como soltar as velas. Quando Deus vê que o aspirante está realmente ansioso para avançar até Ele, então Deus também o ajuda. Mais ainda, Sri Ramakrishna disse que Deus dá dez passos até nós se damos um passo até Ele.

Quais são os impedimentos mais fortes no caminho espiritual? Sri Ramakrishna adverte que são a luxúria e a cobiça. São as atrações que mantêm em seu poder ao ser humano. Preso na rede destas paixões o homem sofre incessantemente, mesmo assim acha quase impossível livrar-se de seus tentáculos. Isto é maia, ilusão. Uma pessoa resolve não cair na armadilha dessa ilusão, mas quando chega o momento não pode manter-se firme, pois são tão fortes as paixões e aquele que nunca tentou controlá-las acha muito difícil resistir às tentações. É uma luta tremenda e para a maioria, até para os aspirantes, dura quase toda a vida. O êxito nesta luta depende da graça divina. Se Deus não nos faz ver claramente onde estamos indo submetidos às paixões, não há como resisti-las. O Senhor nos ensina isto de várias maneiras: apresenta diante de nós exemplos de vida desenfreada e suas consequências, nos traz enfermidades e calamidades, nos põe em contato com pessoas santas e assim por diante. Em nossa vida devemos ter passado por todas estas

coisas alguma vez. Aprendemos a lição? Talvez uma ou outra pessoa a tenha aprendido. A maioria, mesmo entre os aspirantes, toma todas estas atribuições como castigo proveniente de Deus. Dizem: “Que fiz para merecer este sofrimento?” Em vez de reflexionar, “Qual será o propósito deste ensinamento do Divino Mestre? Pois Ele jamais nos faz o mal.” Se aprofundamos desta maneira podemos descobrir que o Senhor nos está tirando as ligaduras que nos mantêm amarrados ao mundo.

Muitas vezes acontece que os laços mundanos são tão fortes que rompê-los é como arrancar o coração. No entanto, o que quer ter a paz duradoura ou felicidade eterna, não pode continuar atado ao mundo, pois estas coisas não existem aqui. Esta é a experiência de todo ser humano; ainda que uma pessoa que esteja em uma situação cômoda o negue momentaneamente, cedo ou tarde se dará conta disso. Aquele que aprende cedo na vida que o mundo, como a ameixa silvestre, é quase só caroço e casca, com muito pouca polpa, que está cheio de sofrimento e muito pouco prazer, e não se deixa enganar por seu feitiço, já ganhou meia batalha; logo, se ele se esforçar um pouco, chegará à meta da vida. Sri Ramakrishna, que conhecia as regras essenciais da vida espiritual, apreciava muito aos jovens que se haviam mantido puros de coração evitando as atrações da luxúria e da cobiça. Dizia que eles podem ter êxito na vida religiosa com muito pouco esforço, e que podiam compreender as verdades sutis por seu agudo intelecto não embaraçado com as preocupações mundanas, e por serem limpos e simples. Estas duas palavras usadas frequentemente nos livros religiosos, talvez necessitem serem elucidadas. Limpos de coração significa os que não abrigam nenhuma malícia contra ninguém, que não estão afetados por pensamentos perversos, que não estão sujeitos às paixões e livres de todo ódio, medo e ira. Simples são aquelas pessoas que não sabem ocultar seus pensamentos, são verazes e falam o que pensam, não tem motivos de engano para os demais. São virtudes que contribuem para a fortaleza do homem, para sua viagem a Deus.

O terceiro obstáculo no caminho de um aspirante à vida mais elevada é o ego. Apresenta-se diante dele de várias maneiras: ego de erudição, ego de riqueza, de nascimento, de raça, de posição social, de poder, e assim por diante. E não se dá conta dele até que se enraíza bem profundamente. Uma pessoa pode parecer simples e humilde, no entanto pode abrigar um alto conceito de si mesma, de sua santidade ou erudição. Certa vez Sri Ramakrishna visitou Devendranath Tagor, o pai do poeta Rabindranath, ao inteirar-se que pensava muito em Deus. Mas quando o

viu observou que tinha vaidade, pois era respeitado como um homem de conhecimento espiritual, descendente de uma família aristocrática e líder de uma nova seita, o Brahma Samaja. Sri Ramakrishna foi vê-lo acompanhado de Mathuranath Biswas, o genro de Rani Rasmani, fundadora do templo de Kali de Dakshineswar. Mathur havia sido discípulo do líder brahma no colégio. Observando minuciosamente os rasgos físicos de Devendranath e dando-se conta de sua vaidade, perguntou a Mathur: “Bom, Mathur, a vaidade é o resultado do conhecimento ou da ignorância? Pode um conhecedor de Brahman ter sentimentos tais como: Sou um erudito, sou um jnani, sou rico?” A mera erudição, se não é acompanhada de renúncia e desapego, serve para obter renome, fama e talvez riqueza, mas jamais leva alguém a Deus. Sri Ramakrishna comparava aos meros eruditos com os abutres que voam alto nos céus, mas cujo olhar está sempre dirigido para baixo, para a carniça. Os meros eruditos ainda que falem de forma altissonante sobre a filosofia e a religião mantêm fixo seu olhar nas coisas do mundo. A erudição que não nos ensina a discernir entre o que é Real e o que é ilusório, não serve no caminho espiritual. Mas a ignorância humana é tal que lendo alguns livros o homem pensa que já é competente para guiar aos demais.

É difícil entender o verdadeiro significado dos termos da vida espiritual. Certa vez o Mestre estava falando com Mahendranath Gupta, o compilador do Evangelho de Sri Ramakrishna, quando de repente lhe perguntou: “Sabe o que significa a renúncia?” O discípulo respondeu: “Significa não somente ter desapego pelo mundo, mas também desenvolver anelo por Deus”. Satisfeito pela resposta o Mestre disse: “Pela graça de Deus compreendeste isto. Sem Sua graça jamais se pode desfazer-se das dúvidas. O importante é, de um modo ou de outro cultivar amor e devoção por Deus. De que serve conhecer muitas coisas? Basta cultivar amor por Deus seguindo qualquer caminho”.

O fanatismo é o quarto obstáculo para o que quer chegar a Deus. Todos pensam que unicamente sua própria religião é verdadeira e outras não. Este conceito chega às vezes a tal ponto que pessoas pertencentes a duas seitas de uma mesma religião brigam entre si. Cada um crê que possui todo o conhecimento sobre Deus e que Deus não pode ser de outra maneira senão como ele o concebe. Por acaso pode compreender tudo de Deus um ser humano com seu pequeno intelecto? Infinitos são seus aspectos e infinitas são as maneiras em que se manifesta no universo. Além disso, ele não se esgota em sua manifestação senão que mantém

também um aspecto não-manifestado. E as pessoas, que não podem compreender em sua totalidade nem um só planeta de Sua criação, se atrevem a declarar que sabem tudo sobre Ele! Que pode ser mais ridículo que isto? No entanto, os fanáticos creem que tem razão. Brigam pela posse da cesta enquanto as frutas vão caindo ao chão. Deus está longe da pessoa que somente faz demonstração de sua erudição e não faz nada para pôr os ensinamentos em prática e amá-lo.

O fanatismo cega ao homem; não lhe permite ver os pontos bons em outros, nem tampouco seus próprios defeitos. Em seguida destrói sua sensibilidade; torna-se desapiadado e cruel, como podemos ver através de toda a história do mundo. E esta gente fala em nome de Deus! São suas próprias ambições que as impulsionam a atuar desta maneira, e não o amor por Deus, nem pelo próximo. Claro, isto também acontece pela vontade de Deus, não há dúvida. Quando o compreendamos de coração, intimamente, e o aceitemos com calma, estaremos aproximando-nos do estado de equanimidade, o último degrau rumo à meta, a realização de Deus.

Mas este estado de nenhuma maneira pode comparar-se com a atitude de uma pessoa egotista, a quem a dor alheia não comove em nada, e quem para lograr seu próprio interesse não vacila em pisotear nos demais. Este estado não pode ser alcançado a menos que se tenha limpadado a mente de todo desejo de gozo aqui e no além e que se tenha sentido o tormento, a agitação, o desassossego e o desespero por combater os males que afetam a humanidade. Quando vemos que, contudo, não podemos mudar nada, então, pela graça divina, chega o entendimento de que “temos direito a atuar, mas jamais aos resultados”, como disse Sri Krishna no Bhagavad Gita. Arjuna também buscou um arranjo cômodo quando quis abandonar o mundo em vez de uma guerra justa, sem possuir as requeridas qualidades de um ermitão. Para ensiná-lo e mediante ele, a toda humanidade, quem realmente pode e está capacitado a renunciar ao mundo, Sri Krishna pronunciou o grande discurso que agora conhecemos como o Bhagavad Gita.

Mencionamos apenas alguns dos obstáculos que um aspirante encontra no caminho espiritual; para atravessar os quais se requer imensa força de ânimo e perseverança. Os impedimentos são sutis e enganadores; aparecem em forma de amigos, como coisas favoráveis. Portanto deve-se ter um discernimento agudo para descobri-los e é preciso estar sempre alerta. Além disso, como já dissemos, a sutileza das verdades espirituais não se pode compreender desde o início, é preciso passar pelas

disciplinas durante muito tempo. E à medida que se vai avançando nestas disciplinas encontra que os mesmos ensinamentos que pareciam simples de entender, levam um significado muito mais profundo. Cada dia se vai dando conta de que é pouco o que se pode saber sobre Deus pela leitura. Também sente que o que um aspirante necessita é desenvolver amor pelo Senhor. Sri Ramakrishna repetidas vezes expressou: “Bhakti (devoção) é a única coisa essencial. Quem pode conhecer a Deus pelo raciocínio? Eu quero amor por Ele. Que necessidade tenho de conhecer Suas infinitas glórias? Se com uma garrafa de vinho me embriaga, que necessidade tenho de saber quantos galões de vinho há na taverna? Um jarro de água é suficiente para apagar minha sede. Não necessito saber a quantidade de água que há na terra.”

Falando da importância da graça de Deus Sri Ramakrishna declarava: “Podes tentar milhares de vezes, mas não poderás conseguir nada sem a graça de Deus. Não se pode vê-Lo sem Sua graça. Por acaso é fácil receber a graça divina? Deve-se renunciar totalmente ao egotismo; não se pode vê-Lo enquanto sinta que ‘eu sou o fazedor’. Deus não aparece facilmente no coração do homem que sente que ele é seu próprio dono. Mas, pode-se vê-Lo no mesmo momento em que Sua graça descer. Ele é o sol do conhecimento. Um só raio Seu iluminou o mundo com a luz do conhecimento. Daí que podemos ver-nos um ao outro e adquirir variado conhecimento. Pode-se ver a Deus só se Ele voltar Sua luz para Seu próprio rosto.”

A graça divina é imprescindível mesmo depois de ter sua visão, pois ainda assim existe o perigo de equivocar-se e estancar. Equivocar-se a respeito da natureza de Deus e crer que Ele é como lhe apareceu e nada mais. Só por Sua graça pode-se ficar convencido de que não se pode sondar a profundidade de Suas glórias e que ter amor por Ele é suficiente para sua liberação.

Que o Senhor misericordioso nos conceda Sua graça para que possamos vê-Lo nesta mesma vida e terminar com a ronda de nascimentos e mortes.
